



## PERCEPÇÕES BIBLIOTHECA: EXPERIÊNCIAS DE TEMPOS, ESPAÇOS E PRESENÇAS

RÔMULO RUAN VELHO GUEDES<sup>1</sup>;  
HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – romuloguedesr@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A partir de uma semana inteira de proposições artísticas, com a participação de mais de 40 artistas, a residência artístico-literária chamada *Experiência Bibliotheca: percursos infraordinários*, que foi organizada pelo *Projeto de Pesquisa Lugares-Livro: dimensões poéticas e materiais*, coordenado pela Profª. Drª. Helene Gomes Sacco e selecionado no edital da SECULT para 44ª Feira do Livro de Pelotas em 2016, é cenário da concepção deste trabalho e mote para reflexão.

Gostaria de começar aqui provocando-os a pensar no que é uma biblioteca e solicitar a vocês leitores deste resumo a uma imersão em suas memórias de experiências nesse espaço. Certamente as experiências iriam variar muito, mas há algo que podemos apontar quase como uma regra: a dinâmica de tempo, silêncio e respeito ao outro nesse espaço, bem como valor e cuidado ao seu acervo. Bibliotecas são espaços de visita que salvaguardam obras em formato livro, que podem ser, literárias, teóricas, científicas e etc, mas exatamente por se tratar de um espaço onde vamos até ele para encontrar um livro, é exatamente nesse ponto que começa nossa reflexão: no potencial desse espaço para fomentar encontros artísticos e literários. Qual o objetivo de uma experiência como essa? Também avalia-se como formas alternativas na formação artística se mostram muitas vezes eficazes para acordar para o presente de nossas ações? Caberia a arte proporcionar a capacidade de nos conectarmos ao espaço real, percebermos os contextos e nele o tipo de presença e atenção que o espaço nos solicita? Sabemos estar? Como nossa geração entende a capacidade de estar em algum lugar? Como podemos pensar o estar com os outros? De que forma lidamos com a presença nos dias atuais? Longe de querer nesse resumo de artigo encontrar todas essas respostas, arrisco dizer que algumas das proposições artísticas realizadas naqueles dias fizeram com que o público visitante e participante estabelecesse um outro ritmo como o lugar, com o outro e consigo mesmos.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através da observação e vivência na residência artística na Bibliotheca Pública de Pelotas. Em conjunto ao método de análise da experiência, realizamos leituras através de pesquisas bibliográficas e debates realizados ainda durante o período de criação de cada proposição. Na residência, cada participante tinha como desafio a criação de uma relação possível com o espaço da biblioteca e seu acervo de livros. É importante frisar meu ponto de vista nesse estudo. Fui um dos 40 artistas participantes e depois em 2017 me tornei monitor da disciplina de Percepção Espacial, e nesse contexto de aula juntamente com a professora, por várias vezes retomamos as experiências desenvolvidas naquela ocasião, o que me fez perceber o potencial do que foi realizado na



residência na Bibliotheca Pública como possibilidade de reflexão sobre a complexidade dos espaços e sua insidência sobre as formas de exercer a presença. Também interesse-me observar como monitor as relações sobre papel do professor como articulador e propositor de experiências, que discretamente sensibilizam e motivam para uma dinâmica de alteridade dos alunos, salientando a importância em perceber o espaço ao redor, estando em contato com as pessoas e com a realidade atual, como forma de estimular um posicionamento ético, poético e também político. O intuito do resumo será de levantar algumas questões ao relatar as proposições artísticas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Propor ações artísticas dentro de uma biblioteca exigiu uma outra forma de propor esse espaço para a residência artística. Segundo a professora e pesquisadora Helene Sacco, a biblioteca instaura outros modos de presença. É preciso voltar a compreender que cada espaço exige de nós um tempo e presenças em específico (SACCO, 2015). O que foi visto nos trabalhos é que cada artista teve uma forma singular de se conectar com este espaço, fazendo uso de suas experiências e suas percepções. Para perceber o espaço que os cercava, os artistas primeiro exploraram seu campo perceptivo. Marilena Chaui, define campo perceptivo como a interdependência entre o interior e o exterior, uma relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos, em que a percepção é uma conduta vital uma comunicação corporal com o mundo, uma interpretação das coisas e uma valorização delas. Tudo isso baseado na estrutura das relações entre o nosso corpo e o mundo (CHAUÍ, 2005). Percepção é também como uma fusão do sentir e do sentido, como sustenta (SERRES, 2014). A questão é que não percebemos, ou no mínimo, estamos com muito mais dificuldade de perceber. Georges Perec, autor Francês do livro *O infraordinário*, conceito que fez parte de nossas investigações no espaço da biblioteca, nos coloca no início de seu livro, no primeiro texto chamado Abordagens de que? as seguintes questões:

O que realmente acontece, o que nós vivemos, o resto, todo o resto onde está? Aquilo que acontece todos os dias e volta acontecer a cada dia, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta dele, como interrogá-lo, como descrevê-lo? Interrogar o habitual, mas justamente, estamos tão acostumados a ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, não parece ser um problema, nós vivemos sem pensar, como se ele não transmitisse nem perguntas, nem respostas, como se ele não carregasse nenhuma informação. Não se trata nem mesmo de condicionamento, é anestesia. Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos. Mas onde está a nossa vida? Onde está o nosso corpo? Onde está o nosso espaço? (2008 ,p. 21-22).

Essa e outras leituras e debates, nos levaram a procurar perceber além do vivível, e essa operação nos fez mais produtivos no olhar e esse exercício nos torna mais implicados no que é visto, nos torna parte do percebido, nos convida ao envolvimento. Isso é o que faz a busca da capacidade de percepção também um gesto que para além do poético, é ético e político. Entre as ações e intervenções artísticas listarei aqui, as que me fizeram refletir sobre processos de percepção do tempo, do espaço e da presença como condição de cada trabalho.

Joana Scheneider, inventáriu títulos que falavam sobre o feminino, mas escrito por homens, assim ativou o acervo da biblioteca com um potente discurso político. Karina Gallo, lia pelas manhãs *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino e pelas tardes na sacada da Biblioteca inventava e escrevia em uma máquina de datilografar e nessa ação criou o trabalho intitulado *Máquina de descrever*, um livro em rolo de papel contínuo, sua própria cidade, assumia de forma objetiva uma espectadora dos fluxos cotidianos. Renata Job, convidou as pessoas para ler junto com ela um livro que ela nunca tinha lido, um momento de escuta e de compartilhamento de histórias. Thiago Paixão, performava por entre as prateleiras procurando nos títulos dos livros uma fala sobre seu corpo, criando diálogos entre corpo, livro e a palavra. Eu, a partir da leitura atenta de um conto de Caio Fernando Abreu, fiz uma tradução do conto em forma de ação artística, numa instalação na biblioteca onde recebia visitantes, oferecia uma xícara de chá e lia um trecho do conto o qual estava conceitualmente ligado ao signo da pessoa e a cor da xícara. Professor Raul d'Ávila criou uma experiência com música e dela na sequência surgia uma poesia. David Fevii e Marina Rockenback usavam os livros como uma partitura de dança experimental, e nessa ação os músicos tocavam a partir dos movimentos executados na dança e não o contrário e mais comum. A Professora Helene Sacco propôs uma sessão de cinema na Bibliotheca do filme *Fahrenheit 451* de François Truffaut, que fala sobre um sociedade distópica, onde os livros eram proibidos e destruídos. Diego Broniszak observava a biblioteca e criava um conto sobre ela, seus personagens surreais imergiam o espaço de um forma mágica e sensível.

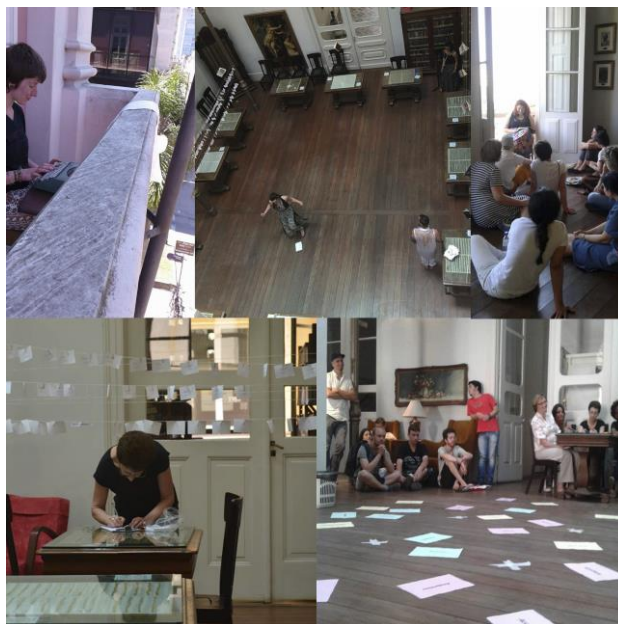


Imagem 1: Alguns momentos da residência artística. (Fonte: Helene Sacco).

Observando as atividades que tiveram a duração de uma semana, percebemos que as representações dos artistas se mostraram de formas variadas, tendo cada um uma percepção e uma ação no espaço que se encontravam. Com isso, podemos perceber que as ações artísticas alteram o ritmo dos lugares e nos mostram a sua relação com o tempo presente, um espaço real em contato com o outro pela e na experiência. Elas exercitam uma outra dinâmica de tempo, que renovam as formas de estar no espaço, demonstram capacidade de convívio com o diferente, na dinâmica das relações com o outro e o espaço, ao entrar nesse lugar sem prejudicar o funcionamento da biblioteca.



A partir deste momento de compartilhamento e troca que ocorreu na Biblioteca, também pode-se pensar na relação entre o professor e o aluno na formação artística. Segundo Apolline Torregrosa Laborie, estabelecer relações horizontais com as pessoas, cria um vínculo afetivo, promove a alteridade e empatia. Essas relações permeiam as salas de aula e transformam a relação entre professor-aluno (LABORIE, 2016). O que se percebe hoje é que boa parte da educação atual é simulada, foge do contexto como experiência, é compartimentalizada em tempos e saberes, que apenas reproduzem a realidade, não avançando no debate ou criando uma descontinuidade nos fluxos de tempo. Professores de artes e artistas que trabalham a partir da percepção do espaço, suas funções, determinações e condicionamentos, promovem outras formas de estar e habitar, e isso implica na formação de pessoas mais conscientes de suas presenças no mundo, isso gera uma espécie de poética do espaço, um microclima possível, em que cada um pode exercitar o que se é, o que pensa e sonha.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao entrar em uma biblioteca nos deparamos com uma outra dinâmica de tempo. Ao estar neste espaço, buscamos renová-lo, alteramos uma postura social, sacudimos as coisas sem prejudicar seu funcionamento. Percebemos a totalidade dos livros e das pessoas que frequentam e trabalham nesse espaço. Sendo assim, proporcionou que se olhasse ao redor de uma forma mais alargada da realidade a qual estamos inseridos. Refletir sobre essa experiência e suas diferentes ações artísticas, corrobora à minha formação como designer no que tange a importância de expandirmos nossa capacidade perceptiva, de aprendermos com a arte as suas diferentes formas de proporcionar experiência, de revelar as coisas, de acolher o público e sempre motivar ao olhar crítico a realidade. Acredito que em virtude disso que a arte e toda a sua potência contestatória e inovadora, incomode a muitos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, M. Percepção e Sensação, in: **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2005, p. 132-136.

LABORIE, A. T. **Los maestros clandestinos en la formación artística**. Revista do PPGAV/UFPEL. Paralelo 31, Pelotas, jun. 2016. Especiais. Acessado em 04 out. 2017. Online. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10192>

PEREC, G. Acercamientos a que? In: **Lo infraordinario**. 3ª edición. Salamanca: Impresión Impedimenta, 2008.

SACCO, H. G. **Jazida: entre livros, coleções, constelações e descobertas**. Revista do PPGAV/UFPEL. Paralelo 31. Pelotas, jun. 2016. Acessado em 04 out. 2017. Online. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10605>

SERRES, M. Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma. In: **O tempo passa**. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.